



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE BACHARELADO EM DANÇA

LYZ VEDRA FREIRE DE OLIVEIRA

**ESCU TA SENSÍVEL DAS PLANTAS: GERMINANDO UMA EXISTÊNCIA ECO-
SOMÁTICO-PERFORMATIVA EM DANÇA PARA CORPOREIDADES
TRAVESTIS A PARTIR DAS RELAÇÕES DE CUIDADO-APRENDIZADO**

FORTALEZA

2021

LYZ VEDRA FREIRE DE OLIVEIRA

**ESCUITA SENSÍVEL DAS PLANTAS: GERMINANDO UMA EXISTÊNCIA ECO-
SOMÁTICO-PERFORMATIVA EM DANÇA PARA CORPOREIDADES
TRAVESTIS A PARTIR DAS RELAÇÕES DE CUIDADO-APRENDIZADO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Dança.

Orientadora: Profa. Dra. Patricia de Lima Caetano.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48e Oliveira, Lyz Vedra Freire de.
Escuta sensível das plantas: germinando uma existência eco-somático-performativa em dança para corporeidades travestis a partir das relações de cuidado-aprendizado / Lyz Vedra Freire de Oliveira. – 2021.
34 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Curso de Design de Moda, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Patricia de Lima Caetano.

1. Corpo. 2. Cuidado. 3. Dança. 4. Gênero. 5. Somática. I. Título.

CDD 391

LYZ VEDRA FREIRE DE OLIVEIRA

ESCUITA SENSÍVEL DAS PLANTAS: GERMINANDO UMA EXISTÊNCIA ECO-SOMÁTICO-PERFORMATIVA EM DANÇA PARA CORPOREIDADES TRAVESTIS A PARTIR DAS RELAÇÕES DE CUIDADO-APRENDIZADO

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Dança do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Dança.

Aprovada em: __/__/__.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Patricia de Lima Caetano (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Pablo Assumpção Barros Costa
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Dodi Tavares Borges Leal
Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)

Àquelas que desorientadas pelo medo, se escondem desacreditadas das suas próprias forças insurgentes.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Francisco e Silângia Freire e minha irmã querida Valéria por me fortalecerem acreditando em mim quando nem mesmo eu acreditava, por cultivarem uma vivência afetuosa para que eu pudesse atravessar as dificuldades que apareceriam por toda a minha trajetória, desde pequenina até hoje.

À minha avó Dona Jô e minha tia Suilena, por mais que elas pareçam não entender que essa força travesti que reside em mim é ancestralidade viva que emana delas e das nossas antepassadas que assim como minha avó semearam muita luta feminista.

Ao meu sogro Genivaldo Rodrigues – Seu Alberto – pelo apoio e acolhimento de sua casa e sua comida sempre que possível. Sem isso, eu não teria conseguido continuar a estudar e trabalhar, nem sequer desenvolver esta pesquisa. Admiro sua força.

Ao meu companheiro-namorado-amigo Luan Mateus pela imensa paciência e atenção comigo nesses quase 3 anos, por sonhar junto e ser uma das pessoas com quem mais eu aprendo. Vida longa a nós.

À Soraya Jorge pelo acolhimento, afeto e atenção que se cultiva num testemunhar sincero.

À minha orientadora Patricia Caetano por essa linda parceria que vem desde o início da minha graduação nos grupos de pesquisa PIBIC e nas disciplinas atravessadas pela educação somática. Agradeço pela orientação sensível e poética que vem se presentificando ao longo dos anos e também por acreditar em mim.

Aos incríveis professores Pablo Assumpção e Dodi Leal, por terem aceitado o convite para participarem desta banca. Admiro muito os dois, suas pesquisas e atuações.

Aos bolsistas do Núcleo Audiovisual Camila Costa, William Coelho, Taís Sângela, Átila Bruno, Ana Lilian, ao técnico David Leão e a maravilhosa artista Clau Aniz pelo trabalho que fizeram para a construção da obra Escuta Sensível das Plantas. Sem eles eu não teria de fato conseguido executar minha proposta de ecoperformance videodançada.

A UFC pelas bolsas remuneradas e auxílio concedidos – Diague –, pois sem eles eu não conseguiria arcar com as despesas que me possibilitaram estudar, pesquisar e trabalhar com arte até hoje. Quero ressaltar a importância do incentivo financeiro para estudantes baixa renda, sem esse incentivo não há possibilidade de alimentar nossos sonhos-objetivos.

“A terra é nossa parente. Os nossos ancestrais
surgiram dela. A terra é nossa mãe.”

Dona Delcida Maxakali do povo Tikmũ'ũn

RESUMO

Este é um trabalho gestado a partir de práticas, imersões, leituras e escritas que abordam questões relativas ao cultivo de uma relação sensível entre uma corporeidade travesti e as corporeidades planta, por meio do desenvolvimento de uma prática somática intitulada Escuta das Plantas, desdobrando-se de uma experiência conectiva que diz respeito à uma rede viva de inteligência distribuída, inspirada num modelo vegetal descentralizado (MANCUSO, 2019). Busca-se então, desenvolver estratégias de continuidade existencial e produção de vida em um ambiente hostil para corporeidades dissidentes. Questiona-se portanto, o projeto hegemônico de sujeito que a modernidade estabeleceu em sua relação hierarquizada com a natureza em detrimento dos outros seres que habitam o planeta – tal como as plantas –, bem como a superioridade do pensamento racional sobre o corpo. Dessa forma, emerge uma experiência resiliente de invenção de si e do mundo perante a violência necropolítica transfóbica e ecológica, próprias à lógica colonial-neoliberal-conservadora. Este trabalho ancora-se em um referencial teórico-prático que aborda pesquisas referentes à criação em performance no contexto das metodologias de pesquisa Somático-Performativa (FERNANDES, 2014) e cartográfica (PASSOS, KASTRUP, ESCOSSIA, 2010), bem como a metodologia do Testemunhar do Movimento Autêntico (JORGE, 2018). Através destas metodologias e tendo como foco de investigação a relação corpo-arte-natureza, a pesquisa é orientada fundamentalmente pela experiência, onde sujeito e objeto da pesquisa se mesclam e muitas vezes se confundem. Desta forma, engendra-se ações ecoperformativas ético-estético-políticas contra-hegemônicas através de uma Corporeidade Ecosistêmica Dançante que emerge da Prática como Pesquisa (PcP) (HASEMAN, 2015). Nesse contexto, foi a partir de um ponto de vista experiencial, por meio de um alargamento dos sentidos e uma atenção movente (KASTRUP, 2007) que a artista-pesquisadora pôde explorar um processo criativo no Parque Estadual do Cocó e produzir uma ecoperformance videodançada que estabelece uma mediação entre as questões que atravessam esta pesquisa nos âmbitos conceitual e prático.

Palavras-chave: corpo; cuidado; dança; gênero; somática

ABSTRACT

This is a work generated from practices, immersions, readings and writings that address issues related to the cultivation of a sensitive relationship between a transvestite corporeality and plant corporeality through the development of a somatic practice entitled Listening to Plants, unfolding from a connective experience that concerns a living network of distributed intelligence, inspired by a decentralized plant model (MANCUSO, 2019). The aim is then to develop strategies for existential continuity and production of life in a hostile environment for dissident corporeality. Therefore, the hegemonic project of the subject that modernity established in its hierarchical relationship with nature at the expense of other beings that inhabit the planet – such as plants – is questioned, as well as the superiority of rational thought over the body. Thus, a resilient experience of self-invention and the world emerges in the face of transphobic and ecological necropolitical violence, typical of the colonial-neoliberal-conservative logic. This work is anchored in a theoretical-practical framework that addresses research related to performance creation in the context of Somatic-Performative (FERNANDES, 2014) and cartographic (PASSOS, KASTRUP, ESCOSSIA, 2010) research methodologies, as well as the methodology of Witnessing to the Authentic Movement (JORGE, 2018). Through these methodologies and focusing on the body-art-nature relationship, the research is fundamentally oriented by experience, where subject and object of the research mix and are often confused. In this way, counter-hegemonic ethical-aesthetic-political eperformative actions are engendered through a dancing ecosystem corporeality that emerges from Practice-led Research (HASEMAN, 2015). In this context, it was from an experiential point of view, through a broadening of the senses and a moving attention (KASTRUP, 2007) that the artist-researcher was able to explore a creative at Parque Estadual do Cocó to produce a danced video eperformance that establishes a mediation between the issues that cross this research in the conceptual and practical spheres.

Keywords: body; care; dance; gender; somatic

SUMÁRIO

1. ECOPERFORMANCE VIDEODANÇADA – LINK DE ACESSO	10
2. CULTIVANDO UM TERRENO FÉRTIL PARA PLANTAS E TRAVESTIS	11
3. DESENVOLVENDO UMA ECOPERFORMANCE VIDEODANÇADA: ESCUTA SENSÍVEL DAS PLANTAS	19
3.1. Erva cidreira, ritual e dança: uma afirmação da vida diante da outorga do espaço- tempo normativo dos Viadutos do Cocó	22
3.2. Corpo-rizoma: a cartografia de uma memória vegetal	25
3.3. Experienciar uma espaço-temporalidade encarnada na dimensão sensível do movimento das raízes	28
3.4. Ouvir e testemunhar com o corpo inteiro: uma escuta das plantas e do seu campo vibrátil	30
4. CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS	34

1. ECOPERFORMANCE VIDEODANÇA – LINK DE ACESSO

Youtube:

<https://youtu.be/hDEK1m8TJrA>

2. CULTIVANDO UM TERRENO FÉRTIL PARA PLANTAS E TRAVESTIS

Esta pesquisa nasce antes mesmo de eu dar o primeiro puxão de ar depois de me desvencilhar do acolhimento do útero de minha mãe. Ela irradia das antepassadas e contemporâneas a mim, atravessa tempo-espaço e se faz matéria viva por meio das mediações poéticas, elaborações filosóficas e investigações teórico-prático-espirituais que se desdobram a partir das vivências que constroem esta jornada de pesquisa. Esta é um broto de vida no meio de um solo danoso para corporeidades desobedientes e que, à medida em que cresce, toma consciência de uma dança das forças que atravessam o próprio viver. O que vou tentar desenvolver neste texto para o Trabalho de Conclusão de Curso é uma costura poética entre as experiências vividas por mim, uma artista-pesquisadora-travesti imersa em um processo de pesquisa-criação junto ao campo sensível das plantas. Processo materializado em uma obra ecoperformativa dançante em suporte audiovisual intitulada “Escuta Sensível das Plantas”.

A abordagem somática constitui as metodologias, práticas e reflexões desta pesquisa. Através de um pensamento encarnado, trabalhei a partir não somente de uma concepção de que corpo e pensamento estão conectados numa integração¹ (FERNANDES, 2014), como também, que acontecem juntos em contágio mútuo, e que, experienciados por meio de vivências sensíveis, viram do avesso o arcabouço onto-epistemológico que reitera a ilusória cisão entre mente e corpo, amalgamada através dos séculos pelo empreendimento moderno. Portanto, busco fazer concretizar junto às questões emergentes, numa relação de cuidado-aprendizado estreita com os seres vegetais, uma filosofia da mistura entre as manifestações da matéria corpo, uma filosofia corpórea-pensante. E, desse modo, entender também que “a mente não é apenas função intelectual e cognitiva, mas é vivência explorada, informada e aprendida pelas células, corporificada.” (FERNANDES, 2015, p. 90).

Partindo de ações ecoperformativas desenvolvidas por mim desde 2016 nas cidades de Fortaleza – CE e Maracanaú – CE, tais como: OBSERVAR (2016); COLETAR (2018); SEMEAR (2019); CULTIVAR (2019); PLANTAR (2019); ESCUTAR AS PLANTAS (2020) e a mais recente: ABOCANHAR E CUSPIR (2021), criada para a videoperformance de mesmo título – boa parte delas surgidas a partir das investigações feitas nos grupos de pesquisa PIBIC-

¹ “Na ‘integração’, os diversos elementos criam um sentido a partir da inter-relação de suas integridades cooperativas, respeitando as inteligências múltiplas em suas diferenças num todo dinâmico.” (FERNANDES, 2014, p.83).

UFC BRISA: Corporeidades Sensíveis (2015-2016) e PIBIC-UFC ON.DA.S. Organismos Vivos em Danças Somáticas (2016-2019), sob coordenação da Profa. Dra. Patrícia Caetano –, é que eu apresento aqui a conclusão de um ciclo. Uma trajetória cheia de vielas, esquinas tortuosas, muito aprendizado e criação de mundos e dispositivos ampliadores das forças impulsionadoras de corporeidades enraizadas em ecoexperiências afirmativas de uma existência gênero-dissidente.



Figura 1 - Ação ecoperformativa na obra de videoperformance "Abocanhar e Cuspir", Fortaleza, CE. Print: Luan Mateus (2021)

Dentro destas perspectivas, desenvolvi a compreensão de uma coletividade constituída nessas ações ecoperformativas, experienciadas enquanto um campo eco-sensível² de

² Por eco-sensível esta pesquisa entende ser uma experiência estético-existencial baseada na relação profunda com o meio ambiente por meio de práticas performativas que aproximem, em termos vivenciais, os organismos humanos e os elementos naturais.

movimento que chamo de Corporeidade Ecológica Dançante. Tal corporeidade atravessa todas essas ações desenvolvidas, produzindo por meio da prática constante de uma escuta ampliada – por meio de uma atenção sutil – na direção de um cuidar-aprender junto às plantas, uma realidade pensante interconectada e comunitária: sistêmica. Esta corporeidade intenta destituir a experiência de superioridade do sujeito moderno sobre os seres vegetais em busca de uma ética-estética-política contra-hegemônica, sendo ela espiralada, horizontalizada, circular, transversal e desse modo anticolonial. E foi somente através de um processo de investigação gradual e não linear, sutil e poroso, que pude acessar tal dimensão sensível de movimento.

Dessa forma, a prática somática de Escuta Sensível das Plantas e suas ações afluentes³, procuram estabelecer um rompimento com as estruturas que fundamentam as bases da percepção sensível hegemonicamente colonial. Por isso, ao colocar-me em experiência de movimento na presença dos seres planta, experiencio uma outra realidade encarnada que acessa temporalidades espaciais próprias ao campo vibrátil das plantas. Nesse contexto, inspirada pela poética negra feminista, tento encontrar caminhos para descontinuar, por meio da percepção sensível do corpo, os três pilares onto-epistemológicos do mundo ordenado e suas categorias, tais como a Separabilidade – dualismos entre sujeito e objeto, causa e efeito –, Determinabilidade – autoderterminabilidade – e Sequencialidade – Tempo linear e progressivo – (FERREIRA da SILVA, 2019), em minhas proposições somático-performativas experienciais.

Essas proposições que vêm sendo desenvolvidas no âmbito deste TCC, fizeram parte de um processo de pesquisa de caráter laboratorial imersivo e de criação artística no Parque Estadual do Cocó⁴ durante o semestre de 2021.1. Elas compõem a obra Escuta Sensível das Plantas como parte desta defesa, e conjugam os estudos que venho fazendo a partir de imersões, práticas, leituras, reflexões e escritas em torno das questões que emergiram nesses trajetos investigativos. Uma das reflexões, por exemplo, é: como produzir uma ética-estética-política afirmativa da vida junto aos seres vegetais na busca por uma subversão da violência necropolítica (ASSUMPCÃO, GREINER, 2020) que incide sobre a minha corporeidade travesti e a corporeidade das plantas?

³ Chamo de ações afluentes, as ações ecoperformativas que desenvolvi – citadas mais acima no texto –, tais como: Observar; Coletar; Semear; Cultivar, Plantar, bem como o Escutar as Plantas.

⁴ “O Parque Estadual do Cocó é o maior parque natural em área urbana do Norte/Nordeste e o 4º da América Latina, sendo o maior fragmento verde da capital cearense, com extenso manguezal, matas ciliares, floresta estacional semidecidual, dunas milenares, vegetação de restinga, campos salinos, vegetação das comunidades ribeirinhas aluviais e lacustres” (SEMA, 2021, online).



Figura 2 – Ação imersiva de escuta das plantas durante as gravações da obra Escuta Sensível das Plantas, Trilha da Lagoa - Parque do Cocó, CE. Print: William Coelho

É nesse sentido que cultivei através de uma prática de cuidado-aprendizado, uma relação somática intensa com os seres vegetais. Sobretudo, tomei consciência de que essa relação já se tecia quando eu, na infância-adolescência, todos os anos olhava os ipês⁵ amarelos florescendo entre maio e agosto na Serra de Maranguape – CE, me fazendo sentir vívida ao olhar. Hoje, percebo uma conexão entre essa minha experiência e o modo como os Krenak se relacionam com a montanha Takukrak, assim como Ailton Krenak nos lembra:

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é

⁵ As árvores do gênero *Tabebuia*, conhecidas como ipês e pertencente à família Bignoniaceae, [...] apresentam propriedades medicinais e podem ainda ser utilizadas para fins madeireiros e em programas de restauração florestal (ÍRIS, 2017, p.15 *apud* LORENZI, 2008).

melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, toda enfeitada, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser”. (KRENAK, 2019, p. 11)

Desse modo, entendi que a relação que busco estabelecer com elas nesta pesquisa, não é só a de fazer parte dos processos vitais pelos quais a vida de uma planta depende como, por exemplo, de perceber quando precisam de água ou quando estão sendo atacadas por alguma praga e reagir na tentativa de mantê-las vivas e saudáveis. Também faz parte dessa vivência, integrar-me ao ecossistema dos seres planta dos quais cultivo⁶, seja no quintal de casa ou pela cidade onde habito. É uma tentativa de sintonizar⁷ nossas fisiologias/matérias/fisicalidades para constituir uma integralidade vibrátil profunda junto a pulsão de vida que perpassa nossas materialidades orgânicas: corpos, moléculas, células, tecidos e órgãos. Esse é um processo lento e gradual, que requer uma disponibilidade que percebi ser construída na relação diária do cultivo ao observar o crescimento, ao perceber as mudanças causadas pela temperatura e as estratégias para receber luz suficiente, os movimentos dos galhos e o posicionamento das folhas, os seus gestos. E, neste processo percebi, dentro dessa relação, um movimento variável de efeitos sutis no meu corpo que me afetam sensivelmente, emocionalmente e energeticamente.

Desse modo, foi preciso estabelecer um estado de corpo poroso para que fosse possível deixar fluir correntes de forças vitais numa troca sensível. A partir disso, foi possível acessar as dimensões moleculares que nos constituem como, por exemplo, as partículas que nós compartilhamos e que nos movem. A água, o oxigênio, o gás carbônico, as vitaminas e minerais, os fluidos, a energia gerada através dos processos fisiológicos e as reações físico-químicas, as quais são imprescindíveis para se viver, tal como a luz do sol produzindo vida para as nossas existências. Falo um pouco mais a respeito do que atravessa a porosidade sensível nessa Escuta das Plantas neste meu relato de experiência:

⁶ A ação do cultivo nesta pesquisa tem o sentido poético de alimentar, desenvolver, dedicar e produzir relações afetivo-existenciais, sejam elas com seres humanos ou não e independentemente da proximidade geográfica.

⁷ “A sintonia somática transforma o paradigma da mente como sujeito conhecedor e controlador de um ambiente-objeto manipulável, e cria uma perspectiva de conexão interna e inter-relações fluidas entre corpo e ambiente. O corpo deixa de ser um objeto manipulado e manipulável para ser soma, matéria e energia experienciados de dentro com/no ambiente, num todo integrado de sentimento, sensação, intenção, atenção, intuição, percepção e interação.” (FERNANDES, 2015, p. 89 *apud* Nagatomo, 1992, p. 198).

É assimilar uma temporalidade própria à atividade orgânica delas e perceber o que em mim compartilha a mesma intensidade vital. Desacelerar e experienciar uma temporalidade que não atende à demanda do ritmo capitalista neoliberal vigente. E é por isso mesmo que os refúgios naturais e o que restou da cobertura vegetal original nos grandes centros urbanos são constantemente ameaçados, porque não geram lucro monetário se estiverem preservados.

Essa relação proporciona o desmonte de uma estrutura relacional hierarquizada, enraizada numa compreensão da natureza que foi assimilada a partir do pensamento do sujeito moderno dominante que pensa o mundo, o define e determina que essa natureza é não somente diferente do ser humano, como também, que pode ser dominada e submissa aos caprichos desse sujeito. Na contramão produz, portanto, uma relação de horizontalidade e de compreensão de uma completude fundamental entre ser carnal e ser vegetal.

Essa investigação proporciona um movimento de afetação mútua, pois à medida em que me percebo cultivando essa relação, me deixo ser afetada e me sinto em constante transformação ao vê-las intensificarem o verde das folhas, ao nascerem, ao germinarem, ao lançarem novos galhos, ao abrirem novas flores, ao murcharem por falta de água ou ao secarem pelo excesso de exposição ao sol. Percebo que elas também murcham ou morrem com a falta da minha presença e dos meus cuidados – ainda que exista um outro alguém cuidando delas.

Nesse caminho, percebi que a minha vivência enquanto travesti se aproxima da realidade precarizada das plantas no que se refere ao modo como somos lidas e tratadas a partir da lógica da modernidade colonial capitalista. Somos constantemente despossuídas da nossa própria dignidade e direito à vida, sobretudo de viver plenamente. Nesse sentido, evoco a fala de Jota Mombaça quando ela diz do modo como a violência se distribui socialmente afirmando que “é tudo parte de um projeto de mundo, de uma política de extermínio e normalização, orientada

por princípios de diferenciação racistas, sexistas, classistas, cissupremacistas e heteronormativos, para dizer o mínimo” (MOMBAÇA, 2016, p.10). Para complementá-la – percebendo a raiz da atuação desse projeto de mundo também com relação ao domínio do sujeito sobre a natureza –, acrescento mais princípios norteadores dessa política de extermínio que fazem parte do arsenal destrutivo da mesma estrutura de poder social. São eles: princípios extrativistas⁸, neoliberais, racionalistas e humanistas.

Ainda sobre essas vivências que se atravessam, nós travestis, por exemplo, estamos submetidas a interdições de várias ordens como: processos sociais excludentes, constante situação de vulnerabilidade social e econômica, não reconhecimento efetivamente das nossas identidades e demandas, bem como a anulação do poder de enunciação perante a sociedade. No caso das plantas, por exemplo, dentro de espaços urbanos administrados por gestões que ainda insistem em reproduzir expressivamente a lógica moderna do progresso capitalista – como em Fortaleza, CE –, uma árvore não sabe por quanto tempo permanecerá de pé, pois poderá ser morta para a implementação de vias para automóveis, empreendimentos imobiliários, *shoppings centers* e, até mesmo, espaços públicos com jardins plantados nos mesmos lugares onde anteriormente já havia vegetação, que por sua vez foi assassinada para o plantio desses novos jardins. Sobretudo, em bairros no entorno do ecossistema original remanescente do Parque do Cocó, que já se consolidaram como áreas que possuem uma parcela da elite local e que, portanto, demandam um espaço completamente normativo, com obras e empreendimentos de interesse elitista e segregador.

Desse modo, a intenção foi produzir práticas performativas numa experiência ético-estético-política que fortaleçam as relações de vida frente à iminência da morte produzida pela violência necropolítica (ASSUMPCÃO, GREINER, 2020). Iminência de morte que extermina a força vital (ROLNIK, 2018) das corporeidades travestis, mas que também, se impõe como violência ecológica por meio do extrativismo desenfreado e a poluição dos ecossistemas causados pelo regime econômico vigente, provocando a morte dos seres vegetais e da biosfera. Essa investida contra as nossas existências acontece também a nível micropolítico e pode ser compreendida junto à Suely Rolnik através do entendimento de alguns sintomas de violação da vida:

⁸ Esta palavra se refere ao extrativismo enquanto “uma modalidade de acumulação que começou a ser forjada em grande escala há quinhentos anos. [...] Desde então, a acumulação extrativista esteve determinada pelas demandas das metrópoles – os centros do capitalismo nascente.” (ACOSTA, 2016, p.49).

“[...] Os mais óbvios são as relações com o meio ambiente geradoras de desastres ecológicos. Ou ainda as relações de poder classistas, machistas, homofóbicas, transfóbicas, racistas, xenofóbicas, chauvinistas, nacionalistas, colonialistas etc. Se nesses dois tipos de exemplo da manifestação do abuso da pulsão o sujeito confina o outro num lugar imaginário de objeto a seu serviço – como nas relações de poder no modo-cafetinagem –, no conjunto de fenômenos evocados no segundo exemplo tal abuso é sustentado por um imaginário que projeta sobre esse outro, reduzido a objeto, uma suposta natureza inferior ou mesmo sub-humana. Tal projeção pode chegar a sua total invisibilização e inexistência e até levar a seu extermínio, que, em casos extremos, culmina com o desaparecimento de seu corpo.” (ROLNIK, 2018, p. 115-116).

Diante disso, busco produzir a partir das minhas ações ecoperformativas atravessadas pela Corporeidade Ecológica Dançante, anomalias no espaço-tempo normativo para fazer frente a esse processo de coisificação que é atribuído aos nossos organismos, categorizando-nos inferiormente enquanto não merecedores do reconhecimento do estatuto político de sujeito/ser de direitos, sobretudo do direito à vida. Procuo então fazer uma costura poética através de 4 ações em diferentes lugares do Cocó, que surgem durante o processo de criação da ecoperformance videodançada. Ela é um rastro desta pesquisa e também um manifesto poético-político a favor da vida dissidente, das forças ancestrais, dos saberes antigos, dos saberes travestis, da importância do cuidado, da importância dos seres não humanos para a construção de uma noção de comunidade que atravessa as fronteiras do que se construiu até hoje como indivíduo e, sobretudo, do respeito e da preservação dos elementos que sustentam a vida.

3. DESENVOLVENDO UMA ECOPERFORMANCE VIDEODANÇADA: ESCUTA SENSÍVEL DAS PLANTAS

Essa é uma obra artística que foi pensada como uma mediação audiovisual de um programa de quatro ações ecoperformativas que se conectam entre si e que apresentam o recorte de uma trajetória de pesquisa para criação de uma obra em ecoperformance videodançada durante o laboratório imersivo que realizei no semestre de 2021.1, dentro da área que se delimita o Parque Estadual do Cocó e seu entorno, mais precisamente na região dos viadutos Celina Queiroz e Reitor Antônio Martins Filho, os famosos "Viadutos do Cocó". Ao passo que buscam apresentar uma cartografia do meu percurso investigativo nesta região, essas ações agenciam questões que emergiram de uma caminhada de pesquisa mais extensa, que vem acontecendo desde 2015 e que foram contextualizadas a partir da introdução deste trabalho de conclusão.

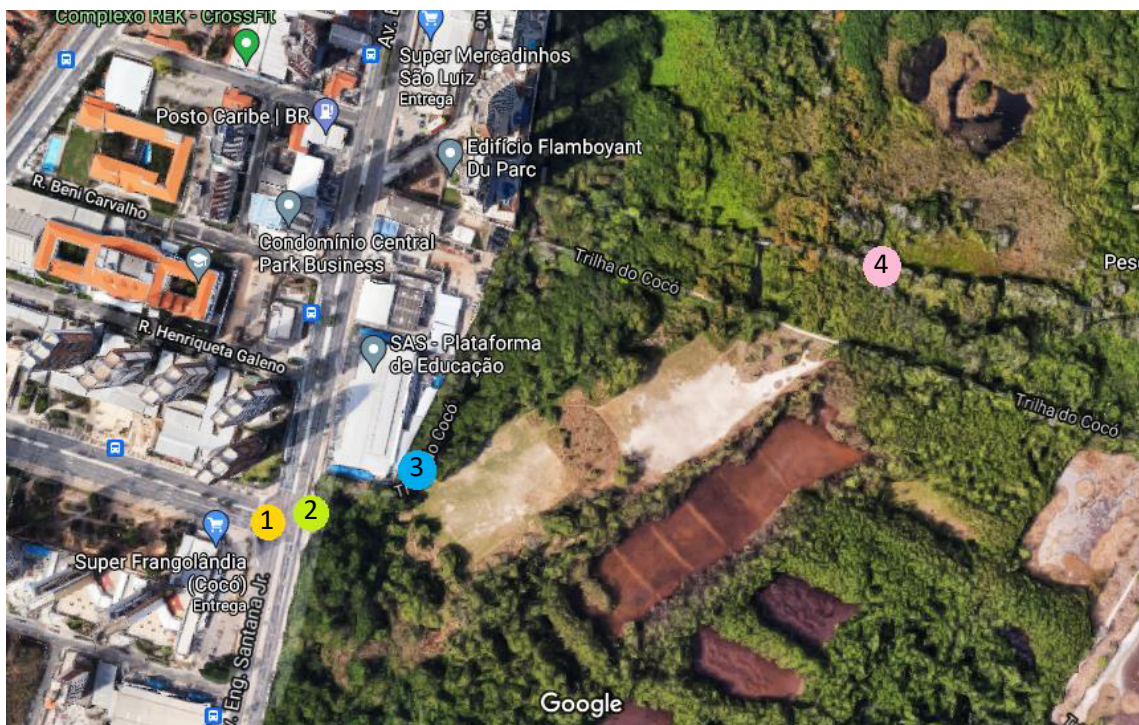


Figura 3 - Mapa geográfico das ações que compõem o programa performativo para a ecoperformance videodançada Escuta Sensível das Plantas. Print: Google Maps (2021).

Essas ações performativas surgiram a partir da Prática como Pesquisa (PcP) (HASEMAN, 2015), para escavarem as relações resilientes que se estabelecem entre as intervenções urbanas

e a resistência das plantas no desejo da continuação da vida. É dentro disso que agencio as minhas vivências necropolíticas travestis à violência urbana-humana que incide sobre a corporeidade das plantas do Parque do Cocó. Foi mais especificamente a partir da metodologia de um caminhar imersivo por meio da prática de Escuta das Plantas e de um testemunhar⁹ profundo que pude entrar em contato com o ambiente espaço-temporal das trilhas do parque e dos viadutos, bem como com algumas árvores e locais específicos que ocuparam minha atenção de maneira mais enfática, os quais estão presentes nas cenas desta ecoperformance videodançada.

Desenhos, palavras e rabiscos se fizeram presentes durante as práticas imersivas nesse laboratório de pesquisa no parque enquanto um acompanhamento de processo. Constituíram um rastro de pesquisa e criação artística para a obra que estava sendo gestada. Uma cartografia se desenhou por entre as caminhadas, tal como uma percepção implicada que fui desenvolvendo ao longo desse processo investigativo. Do mesmo modo, o exercício de uma grafia imersiva-intuitiva se manifestou no caderno que me acompanhava, produzindo reflexão, bem como um registro sensível dessas imersões.

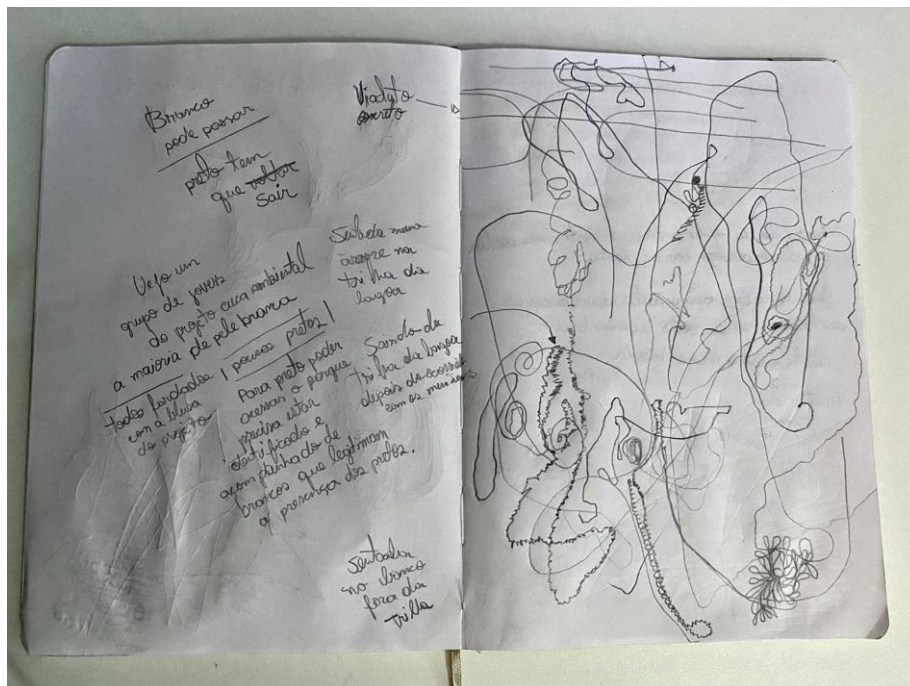


Figura 4 - Escrita cartográfica em caderno de acompanhamento. Foto: autoral (2021).

⁹ Me refiro ao exercício da testemunha presente na prática somática do Movimento Autêntico como um perceber-se-percebendo o outro e o espaço-tempo-ambiente em uma inter-relação contínua da presentificação de uma experiência somática.

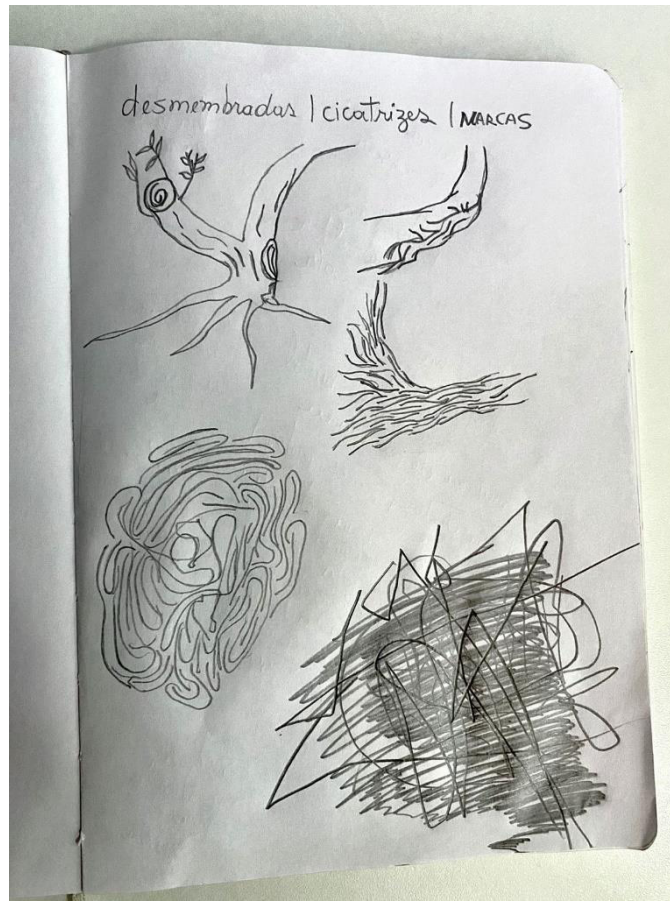


Figura 5 - Escrita cartográfica em caderno de acompanhamento. Foto: autoral (2021)

A abordagem somático-performativa (FERNANDES, 2014) também é uma das metodologias constitutivas da prática-pensamento desse percurso. Foi através dela que consegui me guiar e me comunicar com os materiais que emergiram do processo investigativo vivenciado. Por meio dela é que compreendo a tecitura processual construída nestas perspectivas:

Integração de identidades num soma fluido: sujeito e objeto, realizador e observador, artista-criador e pesquisador-analista; [...] Valorização da Sabedoria e Sintonia Somáticas (Nagatomo, 1992) no processo de investigação. A mente não é apenas função intelectual e cognitiva, mas é vivência explorada, informada e aprendida pelas células, corporificada; mente compreendida como “estado de consciência” e “estado de sensação” das células e sistemas corporais (Hartley, 1995). Inteligência abrangente, baseada numa sintonia sensível consigo e com o meio, em relações, conexões e integração; [...] Pesquisa é compartilhar de pulsões (público, espaço, intervenção e escrita como dinâmicos), não competitivo, mas colaborativo, coletivo, politicamente pulverizado; reconhecendo e valorizando autonomias auto-organizadoras inter-relacionais. (FERNANDES, 2014, p. 90-91).

Apoiada nessas perspectivas, busquei investigar a Corporeidade Ecológica Dançante que venho desenvolvendo através da prática somática Escuta das Plantas, atravessada por esses ambientes. Ambientes estes que, por sua vez, adicionaram camadas ao repertório de estudo prático e conceitual já articulado por mim anteriormente junto às ações ecoperformativas afluentes, que ganharam outros contornos nos traçados em conexão nesta obra artística. Algo que aconteceu, por exemplo, com o desenho cartográfico corpo-rizoma¹⁰.

Entre caminhadas junto à prática da testemunha integral do Movimento Autêntico¹¹ por meio de deambulações imersivas, um trajeto foi se construindo por lugares que vibraram de forma mais intensa durante minha passagem, produzindo um campo de sensação vibrátil profundo. Nesse trajeto, foram criadas quatro ações ecoperformativas que costuram esse percurso experimental, destacando tensões específicas que emergiram desses ambientes e que se articulam com o repertório de sensibilidade corpórea-pensante que venho investigando.

A seguir, apresento as quatro ações ecoperformativas que compõem a ecoperformance videodançada.

3.1. Erva cidreira, ritual e dança: uma afirmação da vida diante da outorga do espaço-tempo normativo dos Viadutos do Cocó

No meu trajeto até chegar ao Parque do Cocó, eu passo por uma intensa aglomeração urbana com uma vegetação que parece se espremer por entre o concreto. De casa até lá, venho sempre me acompanhando com escritas cartográficas no caderno e uma atenção ampliada voltada para as corporeidades plantas que encontro pelo caminho. Essa atenção ampliada irradia de mim para o espaço ao meu redor em todas as direções criando ressonância a partir dos corpos vegetais resistentes em meio ao espaço urbano. Sendo assim, durante essa viagem me conecto a um campo de sensação que me permite ser afetada somaticamente pelo ambiente ao qual estou

¹⁰ No item 3.2 vou me debruçar melhor a respeito do desenho cartográfico corpo-rizoma.

¹¹ “Movimento Autêntico é um método/abordagem/ritual de investigação do movimento do corpo em seus estados físicos, psíquicos e energéticos através da relação entre Mover(es) e Testemunha(s), com cunho Somático, Psicológico, Pedagógico, Artístico e Energético (Espiritual/Místico,) podendo eles serem integrados ou não em uma mesma prática e/ou por um mesmo investigador.” (JORGE, 2018, p.183-184).

implicada. Permito-me sentir, portanto, as pulsões presentes no diagrama de tensões espaciais, no qual estou imersa. Neste sentido, produzo uma sensibilidade somática para perceber as forças que afetam os corpos num contágio coletivo. Eu, as plantas, a rua, os muros, o asfalto, a luz do sol, o ar, o trem que me leva, as janelas, os carros, os passarinhos, a água do córrego, os prédios e casas, as pessoas, os insetos, trajetos, proeminências, barreiras e passagens, desejo. Tudo isso pulsa e afeta em maior ou menor grau aqueles que estão envolvidos nessa trama de tensões espaciais. Eu, nesse caso me permito ser atravessada.

Imersa nessa experiência, senti a atmosfera pesar ao passar embaixo do concreto suspenso sobre minha cabeça. Parei e fiquei durante algum tempo sentindo as relações afetivas presentes na materialidade daquele lugar. Meu corpo manifestou sintomas tristes que remetiam a perda dos seres planta que antes haviam ali, sobretudo, o que toda aquela estrutura normativa e hegemônica simbolizava. A partir daí fui construindo uma ação ecoperformativa como uma forma de intervir nesse espaço que se impõe.

Antes que esses viadutos fossem erguidos com o fraco argumento de melhora da mobilidade urbana da cidade – para os interesses da classe elitista, empresários e do capital imobiliário –, houve muita luta da sociedade civil e de ambientalistas, sociólogos, urbanistas e arquitetos para que esta obra não acontecesse ou que fosse executada sem impactos ambientais ao já tão engolido Parque do Cocó. Houve a permanência, por muitos dias, de manifestantes na área com acampamentos, reuniões e assembleias para resistir à insistência do assassinato de noventa e quatro árvores pela Prefeitura de Fortaleza para viabilização da construção das vias para automóveis. O então secretário de infraestrutura, numa audiência pública, enfatizou que iria ser uma quantidade pequena de árvores que seriam cortadas se comparada ao tamanho do parque. Pergunto então: Se noventa e quatro não é suficiente, quantas árvores seriam necessárias para entender o tamanho do impacto? Ou melhor, quanto vale a vida de uma planta? Além disso, argumentou que as árvores não seriam nativas, evidenciando aos olhos do poder público a inutilidade daquelas árvores.

Mesmo depois de muita luta e resistência entre expulsões, protestos à favor e contra a obra, embargo, repercussão na mídia e muitos embates com o poder público, não foi possível impedir o ecocídio. Novamente os interesses de uma Fortaleza moderna, símbolo de aceleração e eficiência no uso do tempo e dos espaços se sobrepuseram à própria vida. Se sobrepuseram à vida vegetal e de todo o ecossistema que ela gesta e faz parte, que não está relacionado somente ao seu entorno proximal, mas à vida numa extensão mais ampla como, por exemplo, o ar que alimenta a nossa própria existência. Para ver o percurso em linha do tempo e ter uma pequena

parcela do que aconteceu, basta acessar: <http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/09/veja-cronologia-das-polemicas-e-protestos-envolvendo-o-coco.html>.



Figura 6 – Árvores assassinadas dentro do Parque do Cocó para a construção dos “Viadutos do Cocó”. Foto: O Povo Online (2013).

É a partir disso que crio essa primeira ação ecoperformativa para a ecoperformance videodançada, que busca manifestar uma ancestralidade eco-trans-feminista pulsante, que me atravessa e faz com que eu, enquanto corpo, me transforme num lugar de afirmação da vida. Esse lugar é composto da minha matéria feita de carne, mas também das forças que me transcendem no desejo da permanência da vida travesti e da vida planta. Me insiro num espaço urbanizado que rejeita a minha existência com o intuito de causar anomalias nesse ambiente normativo. Me ponho num ritual para a manifestação dessas forças eco-trans-feministas ancestrais que acontecem na minha corporeidade dançante e que se expressam por meio de um movimento somático pulsátil.

Desde a maceração das folhas da erva cidreira, que é uma preparação antes de mover¹², até o momento em que me deixo levar pelo impulso de movimento, se presentifica um ritual. Pois, é por meio desse ritual que eu tento materializar as forças de que falei, no espaço-tempo presente. A panela de barro, que pertenceu à mãe de uma amiga, já abrigou várias infusões com ervas, assim como minha avó fez para minha mãe e minha mãe para mim quando acometida por alguma enfermidade. Essa maceração com a erva cidreira na água consiste em diluir as propriedades da erva e manifestar um ritual ancestral de cura. Os nomes das travestis nordestinas e das plantas de força pronunciadas enquanto danço é uma maneira de invocar uma memória em rede: sistêmica. Uma memória que atravessa gerações e geografias, mundo humano e mundo vegetal, corporeidades travestis e plantas. O intuito dessa ação é germinar a vida num espaço pautado pela morte, por ficções de poder (MOMBAÇA, 2016) que governam os corpos e, nesse sentido, criar uma pulsação vibrátil contra-hegemônica.

3.2. Corpo-rizoma: a cartografia de uma memória vegetal

A segunda ação ecoperformativa parte da relação que eu encontrei entre um desenho cartográfico produzido por mim em 2015 depois de uma experiência imersiva junto ao grupo de pesquisa PIBIC-UFC BRISA: Corporeidades Sensíveis nas raízes aéreas¹³ do Mangue Branco¹⁴ de Sabiaguaba/CE e a memória da existência vegetal que vai além dos limites das superfícies de concreto que as cidades criam para viabilizar o seu movimento acelerado. Embaixo daquela calçada e pistas existem raízes remanescentes das árvores mortas. Como disse acima, esse desenho surgiu em 2015 a partir de uma vivência conectada profunda que tive com aquele emaranhado de raízes ao me mover por entre elas, percebendo como interagem corpo e mangue. Essas raízes aéreas formam um sistema distribuído, presente na própria arquitetura das corporeidades plantas, sem centros de comando:

¹² “Mover” é um termo estabelecido pelo Movimento Autêntico para designar a ação de se movimentar de olhos fechados seguindo o impulso de movimento com um foco interno, sempre numa conversa entre mover-se e deixar-se ser movido.

¹³ Raízes aéreas são raízes que se desenvolvem em ambiente aéreo, comum em plantas epífitas e trepadeiras. (ALMEIDA; ALMEIDA, 2014).

¹⁴ Mangue Branco (*Laguncularia racemosa* L.) é uma espécie arbórea halófito, que se desenvolve sob influência da inundação pelas marés, nos solos instáveis, salinos e anóxicos característicos do ecossistema manguezal (OLIVEIRA, 2005).

Em geral, as plantas distribuem por todo o corpo as funções que os animais concentram em órgãos específicos. Descentralização é a palavra-chave. Ao longo dos anos, descobrimos que as plantas respiram com todo o corpo, veem com todo o corpo (falei sobre isso no capítulo "A sublime arte da mimese"), sentem com todo o corpo, calculam com todo o corpo e assim por diante. [...] O modelo vegetal não prevê um cérebro, que desempenha o papel de comando central, nem órgãos simples ou duplos que dependam dele. Em certo sentido, sua organização é a própria marca de sua modernidade: elas têm uma arquitetura modular, cooperativa e distribuída, sem centros de comando, capaz de suportar perfeitamente predações catastróficas e repetidas. (MANCUSO, 2019, p. 96).

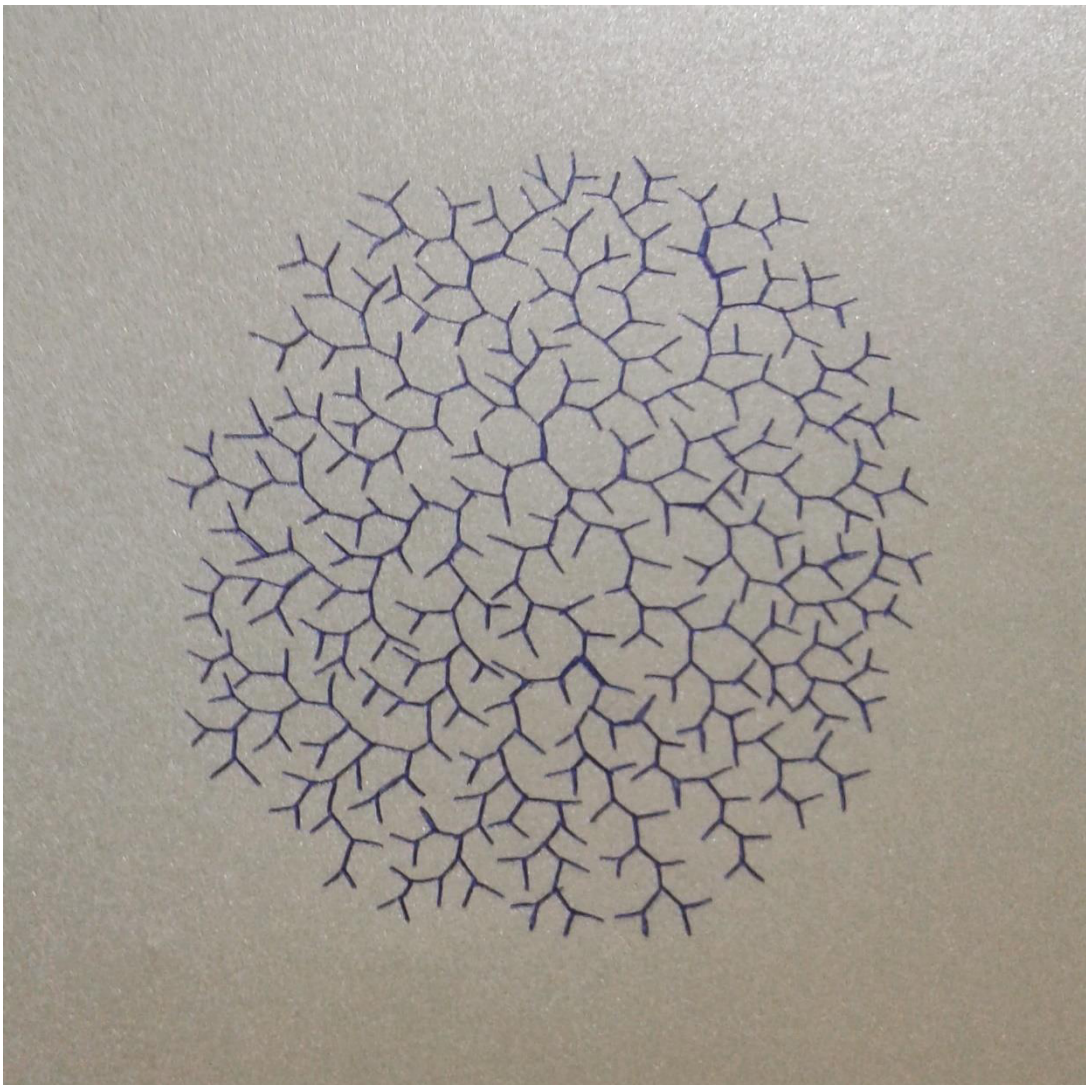


Figura 7 - Desenho cartográfico Corpo-Rizoma. Foto: autoral (2015)

Ao investigar a região dos viadutos, seu projeto e mapa aéreo da área desmatada, confirmo que a calçada do parque é uma das áreas em que haviam as árvores que foram assassinadas. A calçada é a intercessão legal entre os limites do que é parque e do que é avenida e viaduto. É ela que delimita o domínio do concreto sobre o orgânico, é nela que se selou o avanço do asfalto do alargamento da pista. Na superfície dessa calçada é que eu tento recriar minha cartografia Corpo-Rizoma, como uma maneira de grafar uma imagem de sensação da presença das raízes por baixo do solo, não somente daquelas árvores que ali existiam, como também, de toda a vida no subsolo que existe através de toda raiz que caminha profundamente vários metros a dentro.

Riscar com carvão vegetal também é uma maneira de recompor o chão com a própria materialidade-planta e trazer de volta para aquela superfície de asfalto uma composição material-imagética das raízes junto ao desenho cartográfico experienciado com as raízes aéreas do Mangue no litoral do CE. Depois de ter desenhado evocando tais atravessamentos, me ponho novamente em movimento de dança para fazer manifestar a presença de uma memória radicular que transpassa o espaço-tempo do parque, do mangue, das raízes no subsolo, das que morreram e das que ainda estão vivas.

Estudando o mapa geográfico do ecossistema do Cocó, descubro ainda que o Mangue Branco, no qual eu me investiguei, fica localizado na foz do Rio Cocó. Esse manguezal é parte constituinte de todo um ecossistema que atravessa 50km conectando quatro cidades até o litoral em Sabiaguaba. Uma dessas cidades é Maracanaú onde eu cresci e de onde eu via os Ipês florescendo na serra da cidade ao lado, Maranguape. Um trecho desse rio inclusive passa embaixo de uma ponte que é parte do trajeto que conecta as pistas da obra dos viadutos. As ações ecoperformativas que compõe a ecoperformance videodançada deste TCC acontecem próximas a esse rio.

Toda essa conexão entre lugares e elementos naturais e urbanos se relacionam na ação do desenhar nessa calçada. Enquanto desenho, me experimento corporalmente para me preparar para dançar-testemunhar, ouvindo toda a pulsação dessa rede de vida e morte presente em todos os elementos que atravessam essa ação ecoperformativa. Desse modo, busco construir um sentido no movimento pela manifestação do sensível. Um sentido que se expressa por meio da minha corporeidade dançante.

3.3. Experienciar uma espaço-temporalidade encarnada na dimensão sensível do movimento das raízes

As raízes são uma rede de relações distribuídas que capturaram minha atenção mais fortemente a partir da imersão no Mangue. Elas alicerçam o crescimento aéreo do caule, dos galhos, das folhas, flores e frutos ou, em plantas de outras espécies, dão suporte a sua estrutura receptora de luz do sol e partes transportadoras de seiva. Elas funcionam numa completeza integral, num mesmo organismo vegetal. Escutar as plantas dentro da perspectiva da prática que desenvolvi, me fez entrar em ressonância com a espaço-temporalidade presente na organicidade não somente do movimento das raízes, mas também das plantas como um todo.

Essa terceira ação ecoperformativa se concentra na percepção das raízes, em perceber como as forças se propagam através da sua sutileza e insistência. Observando as relações que elas criam com o espaço urbano violento, percebo que elas podem estabelecer uma série de movimentos na direção da sobrevivência do organismo como um todo. Barreiras se impõem, mas elas são capazes de transpô-las, ou até mesmo, de se utilizarem delas para impulsionarem o seu crescimento. Como é o caso das raízes desta planta – presente na terceira ação – que encontro no parque, fixada no muro, com suas raízes que penetram a materialidade dessa parede, encontrando nisso o suporte para sustentar o seu desenvolvimento. Ela cresce ali mesmo, por entre aquele que deveria ser um impedimento para sua expansão. Desse modo, também podemos perceber a dimensão da força das raízes por meio do que nos fala Stefano Mancuso:

Outra característica fundamental dos ápices das raízes é a capacidade de encontrar um meio de crescimento mesmo em materiais muito resistentes. Apesar da aparência frágil e da estrutura delicada, elas são capazes de exercer pressão extraordinária e de romper até mesmo a rocha mais sólida, graças à divisão e à expansão celular. De fato, para as raízes crescerem, o tamanho dos poros ou das fissuras no solo deve ser maior que as dimensões da ponta da raiz. Assim, a água dentro das células é capaz de gerar a turgidez que lhe dá a força necessária para se alongar e crescer. O potencial osmótico de uma raiz cria um gradiente de potencial que suporta a entrada de água no interior das células, e estas, inchando, empurram sua membrana celular contra a parede rígida. Dessa maneira, a pressão exercida pode variar, dependendo da espécie, entre um e três megapascais e explica por que as raízes são capazes de quebrar materiais resistentes como asfalto, cimento e até granito. (MANCUSO, 2019, p. 31).



Figura 8 - Árvore com raízes entranhadas na parede, Parque do Cocó. Foto: autoral

Nesse sentido, para concretizarem sua plasticidade resiliente é necessário uma temporalidade sutil e paciente, muito diferente do tempo hegemonicamente instituído e experienciado pelo espaço-tempo capitalizado. Busco, então, vivenciar esta temporalidade esgarçada no intuito de evidenciar, a partir da qualidade da corporeidade que surge para mim, esta dimensão plástica do movimento das raízes. Nesse caso, apresentou-se para mim, de maneira imagética e sensível, um movimento sutil com a ponta dos dedos que irradia pelos braços e mexe com o meu tronco. De fato, pude corporificar uma arquitetura radicular no corpo, entendendo as estruturas corporais enquanto uma rede intercomunicante e conectada, constituída pelos sistemas corporais como o esquelético, muscular, fascial, celular, nervoso e outros... Todos fazendo alusão à estrutura distribuída das raízes. Sobretudo, tentei encontrar em

minha corporeidade dançante esse movimento tão minucioso que as raízes daquela planta estabeleceram ao longo do tempo para se manterem vivas.

3.4. Ouvir e testemunhar com o corpo inteiro: uma escuta das plantas e do seu campo vibrátil

Escutar as Plantas é uma abordagem múltipla que contempla o desenvolvimento de um estado de corpo poroso e uma atenção ampliada-implicada como “uma atenção movente, imediata e rente ao objeto-processo, cujas características se aproximam da percepção háptica” (KASTRUP, 2007, p.18). Ela também é uma prática somática de movimento inspirada em uma proposição performativa e de pesquisa intitulada Escuta das Árvores¹⁵ e na prática do movedor-testemunha do Movimento Autêntico (MA). Diferente da Escuta das Árvores, não necessariamente desenvolve-se uma subida ou escalada, mas se estabelece uma relação entre a minha corporeidade dançante e a corporeidade daquela planta na qual estou entrando em contato imersivo. Diferente também do MA, não necessariamente me movo e testemunho na presença de outras pessoas, mas sim a partir da presença das plantas ou de uma planta específica na qual pretendo entrar em ressonância.

O MA tem um trabalho muito sutil voltado para o exercício da testemunha. Trabalhando a prática do testemunho em roda, o movedor-testemunha consegue perceber-se em relação às sensações, sentimentos entrelaçados e à fiscalidade do gesto que se manifestam durante a movência. “Esse movimento pessoal acontece ao perceber e seguir seus próprios impulsos, numa dinâmica entre mover e ser movido, no momento presente de integração consciente-inconsciente.” (FERNANDES, 2015, p. 85). Depois disso, pode-se trabalhar o testemunho verbal que é quando delimitamos e contornamos a nossa experiência de movimento através da palavra, fazendo recortes e contextualizando-os a partir de uma bússola ética da percepção dos

¹⁵ A proposição performativa “Escuta das Árvores” foi desenvolvida e compartilhada no projeto PIBIC-UFC ON.DA.S. Organismos Vivos em Danças Somáticas pelo artista-pesquisador Felipe Andrés González Murillo. Tal proposição apoiada em uma abordagem xamânica, faz parte de sua dissertação de mestrado intitulada “Caminante Brujo: Corpos e Tecnoviagens do Artista-Xamã”, defendida em 2018 no PPGArtes do ICA/UFC, sob orientação da profa. Dra. Patricia Caetano.

juízos e projeções que tendemos a apresentar durante a nossa experiência de testemunho, seja ele a partir do movedor-testemunha ou da testemunha silenciosa.

Dentro disso, existe um trabalho da minha parte ao me pôr em experiência junto aos seres planta, na qual busco perceber os juízos e projeções que possam acontecer durante a prática. Aquilo que é só meu, aquilo que minha consciência cotidiana e viciada em uma experiência enquanto sujeito possa projetar, seja em imagens estereotipadas ou juízos de valor de qualquer ordem. Posto isso, a intenção é localizar essas informações e entendê-las dentro das suas especificidades como parte desse processo e aprender a diminuir essa atividade julgadora e projetiva com a recorrência da prática. Isso não quer dizer eliminar associações livres, *insights* e a experiência imagética que acompanha a prática somática, pois também são fundamentais para construir um fluxo de sentido enquanto nos acompanhamos nesse percurso.

Então, a Escuta das Plantas é também uma busca pela descolonização do consciente-inconsciente na tentativa de estabelecer uma relação distante da experiência racional de sujeito que define o mundo e o determina a partir da monopolização da sua própria percepção. Nesse sentido, a prática de MA é uma das metodologias que se materializou para mim durante meu percurso enquanto pesquisadora do movimento. Por meio dela, eu pude buscar junto à prática de Escuta das Plantas, um distanciamento de uma percepção sensível hegemonicamente enquanto sujeito e, desse modo, fazer uma aproximação na direção de um “fora-do-sujeito”, de um saber intensivo (ROLNIK, 2018). Pode-se entender um pouco mais a respeito desse movimento com as palavras de Suely Rolnik:

Tal capacidade, que proponho qualificar de “extrapessoal-extrassensorial-extrapsicológica-extrassentimental-extracognitiva”, produz uma das demais experiências do mundo que compõem a subjetividade: sua experiência enquanto “fora-do-sujeito”, imanente à nossa condição de corpo vivo – a qual chamei de “corpovibrátil” e, mais recentemente, de “corpo-pulsional”. Nessa esfera da experiência subjetiva, somos constituídos pelos efeitos das forças e suas relações que agitam o fluxo vital de um mundo e que atravessam singularmente todos os corpos que o compõem, fazendo deles um só corpo, em variação contínua, quer se tenha ou não consciência disto. (ROLNIK, 2018, p. 54)

Dentro destas perspectivas, esta última cena da ecoperformance videodançada procura fazer um registro poético dessa experiência de escuta das plantas junto à uma árvore na Trilha

da Lagoa, localizada dentro do Parque Estadual do Cocó. Árvore que, por alguns dias de pesquisa durante as investigações laboratoriais que realizei no Parque, marcou a minha atenção mais fortemente. Ela se encontra num lugar da trilha onde existe uma família de mais outras quatro grandes árvores senhoras. Elas parecem constituir um recorte espaço-temporal de um Cocó preservado, que deixa suas árvores crescerem muito velhas.

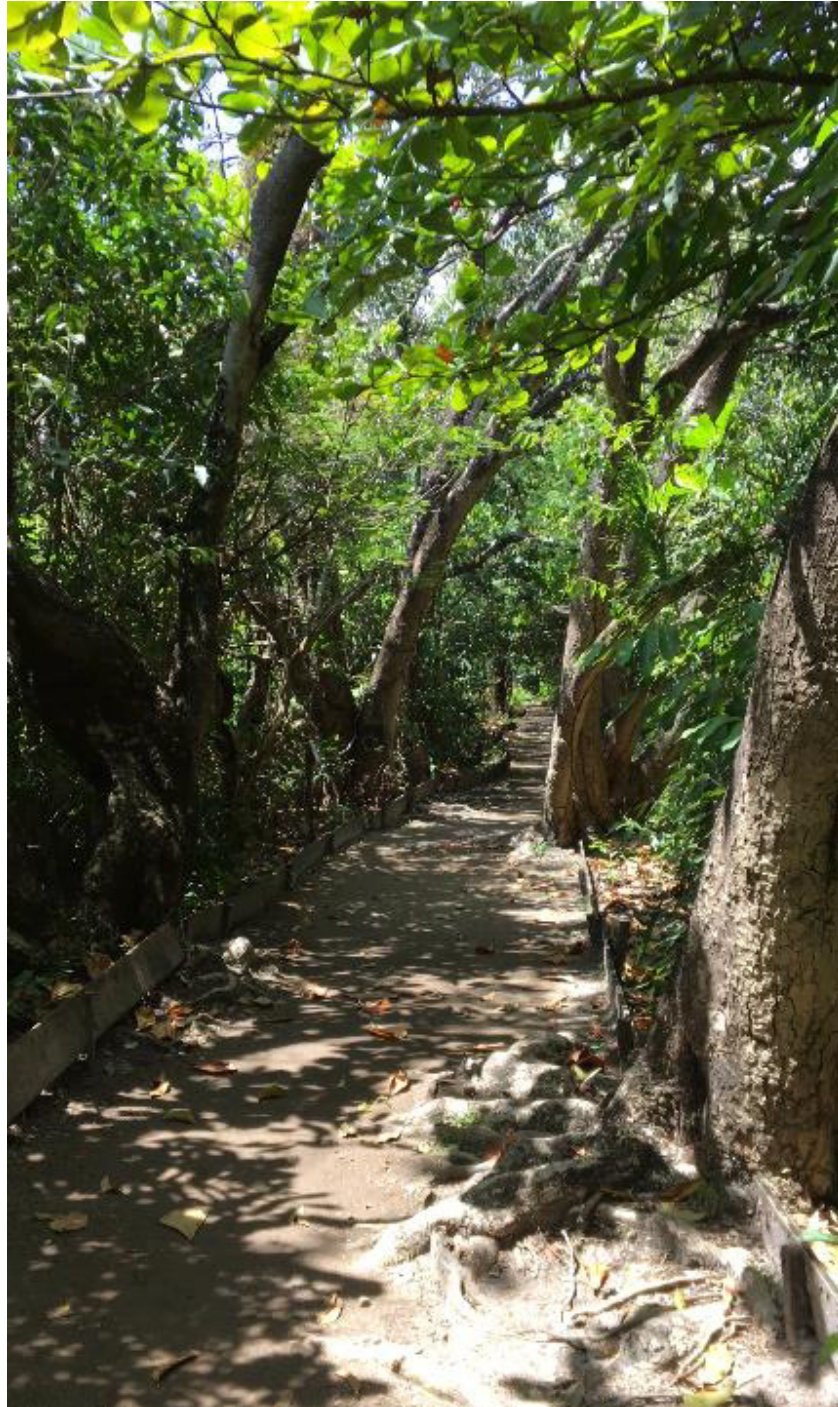


Figura 9 - Família de árvores na trilha da lagoa, Parque do Cocó. Foto: autoral (2021)

4. CONCLUSÃO

A investida contra à vida e, mais fortemente, à vida das corporeidades desobedientes é um substrato para a manutenção de um projeto de mundo normativo, pautado por ideologias que querem perpetuar a superexploração infinita do planeta e fortalecer uma necropolítica que perpetua as relações de poder construídas durante séculos sob o domínio colonial. Essas ideologias estão sendo alimentadas e replicadas em diversas dimensões micro e macropolíticas pelo mundo, sobretudo no Brasil atual. A arte é um dos lugares onde pode-se articular e produzir, não somente reflexão, como também ações anti-hegemônicas e contra-normativas no caminho da ruína desse projeto de mundo.

Esse processo investigativo me proporcionou mapear, sentir, entender e intervir em aspectos éticos, estéticos e políticos dentro das minhas questões de pesquisa. A partir do campo da arte, mais especificamente da dança e da performance, pude produzir uma complexa realidade sistêmica que busca estabelecer uma micropolítica à favor da vida e das relações de cuidado. Tudo isso foi realizado como um processo artístico-científico amparado por conceitos e práticas que ressoam as potencialidades da corporeidade dançante que, aqui, se construiu por entre uma rede de ações em conexão.

Esse processo tornou-se essencial não somente para o meu percurso profissional, como também, igualmente para o meu percurso pessoal. Foi essencial para essa menina que nunca pensou que pudesse entrar na universidade pública por ser pobre e periférica. Não é indispensável reafirmar que sou a primeira travesti a me formar no curso de bacharelado em Dança da UFC e que produzi essa pesquisa a partir de parâmetros curriculares que me potencializaram enquanto pesquisadora, me proporcionando uma certa autonomia para articular pensamento, de um modo que fosse mais condizente com a minha vivência.

Pude me desenvolver em vários os âmbitos – crítica, poética e cientificamente – a partir das minhas próprias referências de criação e experiência sensível de movimento e corpo. Com isso quero dizer que esta pesquisa deve ser um incentivo para que mais travestis possam ocupar vagas não somente neste curso, mas também, quaisquer outros nos quais elas queiram estar. Ainda temos muita luta pela frente, é certo, mas já existe um movimento na direção da produção trans artística e academicamente muito forte.

Este trabalho certamente pode ser entendido enquanto um dispositivo de contra-ataque.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcílio de; ALMEIDA, Cristina Vieira de. Morfologia da raiz de plantas com sementes. Piracicaba: ESALQ/USP, 2014.

COSTA, P. A. B.; GREINER, C. Dobrar a morte, despossuir a violência: corpo, performance, necropolítica. Campinas: Conceição/Conception, v. 9, p.1-19, 2020, online. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8661341>. Acesso em: 20 ago. 2021.

FERNANDES, Ciane. Princípios em Movimento na Pesquisa Somático-Performativa. In: Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento. São Paulo: PPGAC/USP. 2015.

FERNANDES, Ciane. Pesquisa Somático-Performativa: Sintonia, Sensibilidade, Integração. Art Research Journal, v. 1/2, p 76-95, jul./dez. 2014.

FERREIRA da SILVA, Denise. A Dívida Impagável. São Paulo: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, 2019.

GERHARD, Dilger; MIRIAM, Lang; PEREIRA, Jorge. Descolonizar o Imaginário. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

HASEMAN, Brad. Manifesto pela Pesquisa Performativa. In: Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento. São Paulo: PPGAC/USP, 2015.

ÍRIS, Antônio. Tópicos na Produção de Mudas de Ipê “*Tabebuia ssp.*”. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Agronomia) – Centro de Ciências Agrárias e Ambientais, Universidade Federal do Maranhão, Chapadinha, 2017, online. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/1414/1/AntonioOliveira.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

JORGE, Soraya. Movimento Autêntico: um ritual contemporâneo? In: BATALHA, Ana Paula; MACARA, Ana; MORTARI, Katia. Entre o Ser e o Estar: Técnicas Somáticas e Práticas Performativas. Lisboa: Faculdade de Motricidade Humana, 2018. p. 179-191.

KASTRUP, V. O Funcionamento da Atenção no Trabalho do Cartógrafo. Psicologia & Sociedade. Rio de Janeiro, v. 19(1), p. 15-22, jan./abr. 2007, Online. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/psoc/a/8rWQrJSBTg7w8zTV47svGTq/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2021.

KRENAK, Ailton. Ideias para Adiar o Fim do Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MANCUSO, Stefano. Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma Redistribuição Desobediente de Gênero e anticolonial da violência. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic__a__o_da_vi. Acesso em: 05 abr. 2021.

OLIVEIRA, V. F. Influência do estresse hídrico e salino na germinação de propágulos de *Avicennia schaueriana* Stapf e Leechman ex Moldenke e *Laguncularia racemosa* (L.) Gaertn. f. Rio de Janeiro. Dissertação (mestrado) – Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro/Escola Nacional de Botânica Tropical, 2005.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. D. Pistas do Método da Cartografia. Porto Alegre: Sulina, 2010.

ROLNIK, Suely. Esferas da Insurreição. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE. Parque Estadual do Cocó PA. Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://www.sema.ce.gov.br/parque-do-coco-pa/>. Acesso em: 23 ago. 2021.